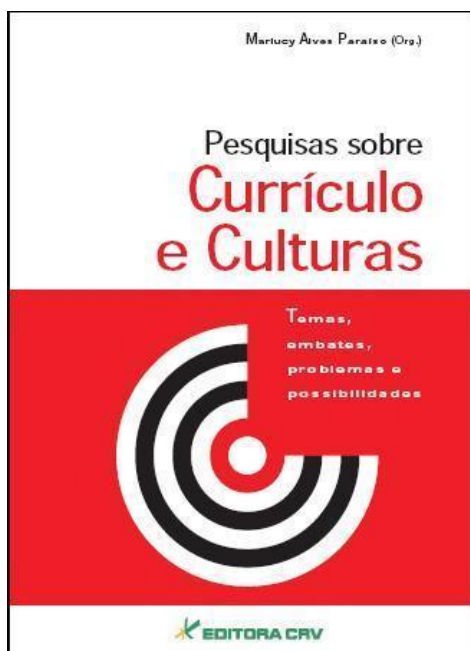


A VIDA EM SUAS TEMPESTADES POSSÍVEIS – pesquisas sobre culturas e currículos

Thiago Ranniery Moreira de Oliveira¹

PARAÍSO, Marlucy Alves. (Org.). *Pesquisas sobre Currículos e Culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: Editora CRV, 2010.



Inundar os currículos existentes com outros sentidos! Pensá-los de outro modo! Povoar o território curricular com outros significados! Abri-lo a outras possibilidades! Fazer currículos aparecerem onde, até então, era impensado um currículo acontecer! Multiplicar! Conectar! Movimentar! Experimentar! – Posso resumir, assim, mesmo que correndo o risco inevitável de ser simplista e até mesmo de domar os sentidos aí suscitados, aquilo que se faz no livro organizado por Marlucy Paraíso. Livro, esse, que é antes de tudo uma composição que bebe de diversas fontes: da filosofia da diferença de Gilles Deleuze, das proposições de Michael Foucault, dos Estudos Culturais, das teorias *queer*, feministas e de gênero, do pós-estruturalismo – daquilo que se convencionou chamar de teorias pós-críticas em educação. No livro, figuram oito artigos, realizados ou orientados pela organizadora, resultantes de pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais e no Grupo de Estudos de Culturas e Currículos (GECC), também sediado na FaE/UFMG. Lê-lo é como andar na tempestade – a chuva nunca para de cantar, nunca para de descer, vem acesa para lavar o que passou.

Logo, no primeiro capítulo *Currículo e Diferença*, Marlucy Paraíso, incorporando conceitos do pensamento da diferença deleuziano, apresenta uma cartografia dos fazeres curriculares de três professoras alfabetizadoras que trabalham sob égides de organizações curriculares completamente distintas. Seu título já não é ao acaso e é, por certo, um intrigante convite ao pensamento curricular. O “E” é devidamente colocado para pensarmos *entre*, pelo meio, para pensarmos o currículo com a

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

diferença, para que não deixemos a diferença subjugada em um currículo. Mas, que, deixemos a diferença, enfim, proliferar em um currículo e fazer o seu trabalho. A autora direciona, assim, nossos sentidos, em meio aos currículos já formados, esses mesmos que tentam fixar certos modos de ser e estar no mundo, para aquilo que vaza, que escapa, aquilo que traça linhas de fuga, aquilo que faz brotar algo inteiramente imprevisto e insuspeitado nos currículos. Diante dos exemplos que povoam o artigo, saímos com a sensação de que devires não param de atravessar os territórios curriculares, desterritorializam os currículos existentes, agenciam acontecimentos, fazem passar aí uma energia alegre e pontecializadora da vida.

Movimento perturbador que é seguido no capítulo de Danielle Carvalhar, *Currículo da Educação Infantil: sexualidade e heteronormatividade na produção das identidades*. Aqui, articulando gênero, sexualidade e infância, a autora nos põe diante das vigilâncias constantes exercidas em um currículo sobre as fronteiras da sexualidade de meninos e meninas e sua implicação na produção de identidades generificadas. Um currículo que não cansa em investir no recato e na felicidade conjugal para as meninas e na conduta heterossexual sobre os meninos, mas que precisa ter bastante fôlego para conter a sexualidade infantil. Porque um currículo, por mais que normatize e normalize a sexualidade, sempre está sujeito a necessária transgressão. A autora nos presenteia, assim, com uma série de episódios, como quem conta casos e pequenas histórias, que desestabilizam as normas de gênero e sexualidade impostas em um currículo da educação infantil, bem como os investimentos realizados nesse mesmo território para reorientar o curso da normalidade perdida. Há todo um investimento desde cedo sobre as crianças para a construção de normas de gênero e sexualidade e a autora nos revela como os espaços curriculares da educação infantil são intensamente produtivos nessa questão.

Quando os dois capítulos anteriores já nos colocaram diante de outras possibilidades sobre o currículo escolar, somos como que arrastados nos quatro capítulos seguintes em um movimento de intensa explosão dos sentidos do currículo que o extravasa para outros espaços. Shirlei Rezende Sales direciona nossos olhares para a produção das subjetividades demandas na interface entre um currículo de uma escola pública e o currículo do Orkut em seu capítulo *Interface entre currículo escolar e currículo do Orkut: ciborguização da juventude contemporânea*. O site de relacionamentos mais popular no Brasil e seus atravessamentos no currículo escolar são, aqui, tomados com objeto de estudo. A autora põe em jogo os processos pelos quais essa zona de interseção entre escola e Orkut, escola no Orkut e Orkut na escola, demanda saberes, comportamentos e posicionamentos da juventude contemporânea, produzindo uma multiplicidade de sentidos diante do mundo e diante de si mesma.

Na mesma linha, Daniela Freitas em *O currículo da Escola Municipal de Vila Abobrinha: o foco nos procedimentos* realiza uma original e surpreendente investida analítica sobre Histórias em Quadrinhos do Chico Bento. Para quem olhava para os personagens e histórias do Chico Bento como ingênuos e até desinteressados, a autora mostra como os discursos das HQs convertem-se em uma maquinaria de ensinar modos de ser, fazer e proceder em relação à escola e à vida. O que, é claro, não quer dizer que isso aconteça pacificamente. Na construção desse código de conduta, acompanhamos uma série de transgressões, atrasos, faltas, rancos, bagunças, “colas”, que vem povoar o currículo da escola da Vila Abobrinha, seguidas de suas devidas punições. Para enfim, concluirmos junto com a autora em como o currículo das HQs tem se dedicado intensamente a disciplinarização moral do infantil. HQs que não figuram sozinhas no governo das subjetividades infantis, mas que também concorrem com os filmes de animação infantil, por exemplo, para a produção das subjetividades infantis.

É, justamente, esse charmoso, inocente e sedutor mundo do cinema de animação infantil que Maria Carolina da Silva toma em *O Currículo de filmes de animação: poder, governo e subjetividades dos/as infantis*. Em seu capítulo, a autora “decupa”, para usarmos uma linguagem típica dos estudos de cinema, os modos de endereçamento de algumas produções cinematográficas de popularidade e sucesso entre os/as infantis. Produções essas implicadas na definição, regulação e controle dos/as infantis. Que ora são apresentados como monstros que precisam ser reconduzidos a sua normalidade, ora como fontes de uma energia admirável para qual se precisam de estratégias de canalização – o que de uma forma ou de outra implica direcionar as subjetividades infantis em um único caminho. É, justamente aqui, que a escola entra para compor a cena como a instituição destinada ao governo dos/as infantis, o que quer dizer, que nós, adultos/as também somos regulados e conduzidos a nos portar de determinados modos diante da infância.

Quando tudo já parece ter demais desestabilizado com as nossas noções mais comuns sobre currículo, Marlécio Maknamara traz uma inusitada e empolgante combinação de currículo, música e processos de subjetivação no capítulo *O dispositivo pedagógico da nordestinidade no currículo do forró eletrônico*. Mas será possível? Até na música tem currículo? Pois é, até as músicas são textos culturais implicados na produção de sujeitos de determinado tipo. É, no ritmo dessa linha, que autor nos embala no vibrante mundo do forró eletrônico, estilo de forró que emergiu no cenário musical em meados da década de 1990. O currículo desse forró tem acionado e atualizado um dispositivo pedagógico da nordestinidade, no qual o gênero é tomado como uma linha de força na produção dos sujeitos nordestinos. Na dança frenética, uma tipologia generificada evoca tipos de feminilidade, *mulher safada, bichinha arrumada, mulher perdida, ioiô, barbie, robô, rendida-arrependida*, e

tipos de masculinidades, *homem vencedor* e *o cara*, bem como garante a devida complementaridade e hierarquização entre elas. Nessa peleja pós-moderna se ensinam certos modos de ser nordestino/nordestina, nomeando, classificando e dividindo os indivíduos por meio do gênero.

A invenção de certos tipos de sujeitos também é o foco do Vandiner Ribeiro, em *Os Sem Terra no currículo da mídia*. A autora acende os holofotes sobre a disputa e produção de saberes, verdades e significados sobre o MST no aparelho midiático e a convocação de subjetividades Sem Terra, por vezes, conflitantes. Em jornais, revistas, manchetes, reportagens, entrevistas coloca-se em jogo uma série de nomeações e caracterizações do sujeito Sem Terra, demandando distintas subjetividades pautadas em um binarismo extremista – o bem *versus* mal, o bandido *versus* o mocinho, o justo *versus* o injusto, o legal *versus* o ilegal. Um sistema de hierarquias, qualificações e medições destinado a julgar atos, práticas, e, porque não, os modos de vida do MST diante do que é considerado desejável aos distintos grupos que compõem o nosso mundo social e suas intrincadas relações de força. Uma política de verdade que deseja ensinar a nós certos sentidos como os únicos possíveis sobre os/as Sem-Terra e sobre nós mesmos.

É na linha do desejo que Marlucy Paraíso põe fim ao livro em seu envolvente e potente capítulo nos indagando inquietantemente *É possível um currículo fazer desejar?* – “pode um currículo produzir o desejo? O desejo destruiria o currículo? Ou o currículo, com tanta organização, classificação e interpretação, destrói o desejo?” (p. 153). Recuperando novamente linhas-forças da filosofia profana, maldita e até infernal de Gilles Deleuze e Felix Guattari, juntando-se a Nietzsche e a Antonin Artaud, a autora lança flechas problematizadoras sobre os currículos dos “reagrupamentos escolares” ou “projetos de intervenção pedagógica” da rede municipal de educação de Belo Horizonte. Ao traçar uma composição com a produção cinematográfica iraniana “*Quando Buda explodiu de vergonha*”, se sente no capítulo passar certo frescor incontrolável no currículo. Por ali, onde o currículo dominante não cogita mais nenhuma saída, experiências criadoras se instauram – o desejo brota como uma erva daninha, foge e faz fugir. Lá, acontecem encontros alegres, afectos e perceptos não param de passar e desterritorializar o currículo. Lá, a vida simplesmente se cria em suas tempestades de possibilidades.

É, assim, que em um currículo, esteja ele onde estiver – nas experiências eminentemente pedagógicas às pedagogias culturais - em uma vida, como em tudo na vida há sempre possibilidades outras, de pensar de outro modo, de traçar uma linha de fuga. Se as definições de currículo se multiplicaram nos últimos tempos de tal forma que se tornou cada vez mais impossível, cada vez mais difícil encontrar esse suposto objeto chamado Currículo, o livro *Pesquisas sobre Currículos e Culturas* afirmar-se sob uma necessidade implacável e arrebatadora de investir nas potências de

encontros com outros pensamentos para tentar fazê-los funcionar no campo curricular, para povoá-lo de outro modo. Explorar outros sentidos para o campo do currículo, explorar outras dimensões possíveis da sua existência, explorar a vida do currículo como jamais foi vivida. A tempestade de possíveis que traz o livro nos arrebatava por sua imprevisibilidade, incômodo e pequenas destruições. Uma chuva que lava as calçadas do campo do currículo, mas que acentua seu cheiro, as vidas que aí podem ser criadas. Um convite irresistível a nos lançarmos nas tormentas da criação nesses tempos em que nos trancamos em casa com medo das enxurradas.

Recebido em maio de 2010
Aprovado em junho de 2010